

ESTUDOS CULTURAIS DA CIÊNCIA – INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO E IMPACTO NO CIDADÃO

Ramiro Quintao

Resumo

Neste ensaio discuto, a partir da vertente dos Estudos Culturais da Ciência, alguns impactos da Tecnologia da Informação sobre ações escolares. Atento, especialmente, para a chamada noção de inclusão digital para a qual se tem dirigido algumas propostas educativas, que indicam ser seu propósito promover uma melhor adequação da educação escolar. Aponto para a pertinência de considerar-se a ampliação da noção de inclusão digital, salientando que essa tem envolvido a capacitação dos sujeitos para o adequado uso dos recursos disponibilizados, o que envolve o fornecimento de conhecimentos técnicos sobre o funcionamento da internet, especialmente das muitas possibilidades de atividades oferecidas pelos recursos educacionais abertos. Cabe lembrar que as novas gerações falam uma língua distinta da utilizada por indivíduos educados em uma escola cujo ambiente de socialização era fortemente marcado pela cultura das letras. É possível dizer que, apesar de alguns estudantes adaptarem-se ao atual modelo educacional, outros tantos consideram o atual modelo defasado. E essa crítica ao modo como a escola está estruturada tem sido igualmente alvo de intensas discussões realizadas no campo educativo. Muitas vezes, a partir de tais críticas são postuladas mudanças tidas como necessárias. Neste artigo, no entanto, não se está postulando a existência de uma solução única e definitiva para essas problemáticas apontadas para a escola. Discute-se, especialmente, a forma idealizada que se tem atribuído à cultura digital ao focalizar esta possibilidade de mudança.

Palavras Chaves: Cultura Digital. Inclusão Digital. Estudos Culturais da Ciência.

Educação Escolar.

1 Introdução

Neste ensaio é discutido o impacto que as Tecnologias da Informação têm tido na educação contemporânea, a partir da perspectiva dos Estudos Culturais da Ciência, considerando-se, especialmente, noções como as de cultura e sobre o seu papel na conformação dos sujeitos.

Apresento uma problemática que diz respeito à inclusão digital e, nessa direção, invoco Paula Sibilia (2012) para pensar sobre o impacto que propostas educativas centradas na inclusão digital, configurada como promotora de uma melhor adequação ao ensino, têm tido sobre a educação escolar.

Cabe lembrar, a partir de Costa, Silveira e Sommer (2003), que houve uma significativa mudança na teoria cultural, após o cenário político do pós-guerra, meados do século XX. Em algumas publicações, notadamente entre o grupo de autores usualmente

qualificados como “pais fundadores” dos Estudos Culturais, tais como Raymond Williams (1969), Richard Hoggart (1973b) e Edward Thompson (1963) ficam visíveis as apreensões diante dos problemas da cultura, com predominância para discussões que envolviam o modo de pensar o papel das chamadas cultura popular e cultura de massas.

Segundo Costa; Silveira e Sommer (2003, p. 01) ocorreram, na mesma época, importantes modificações nos modos de definir cultura.

Como referem os mesmos autores (ibid):

Cultura transmuta-se de um conceito carregado de distinção, hierarquia e elitismo segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de inúmeros sentidos cambiantes e versáteis.

Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões (Costa; Silveira e Sommer, 2003, p. 01).

Cabe registrar, que, nos dias de hoje, o conceito de cultura incorpora muitos significados e, também, muitas especificações, estando entre essas a já citada cultura de massas, mas, também, as culturas juvenis, a cultura surda, a cultura empresarial, as culturas indígenas, as culturas digitais, entre outras tantas especificações que visam apontar a diversidade que o cultural permite.

Para Hall (2006), a cultura possui tanto uma dimensão substantiva, isto é, ela adentra e tem efeitos produtivos no cotidiano dos sujeitos, quanto epistemológica, operando, nessa direção, na construção dos modos dos sujeitos verem o mundo. E a esse modo de focalizar a cultura se tem atribuído a denominação de construcionismo cultural.

Ainda comentando o importante papel que a cultura tem, indico, a partir de Bonin (2010), que a diversificação das culturas faz parte do mundo contemporâneo, não podendo esse papel ser ignorado pela escola, uma vez que nessa se processam constantes interações culturais entre os sujeitos e seus saberes. E é nessa direção, ou seja, a de estar atendo a essas interações culturais, que se tem salientado a importância das leis que regulamentam as Diretrizes e Bases da Educação Nacional levarem em conta a diversidade cultural como algo primordial ao enriquecimento cultural dos saberes escolares.

Passo a seguir a apresentar considerações acerca da noção de cultura digital, ressaltando que, atualmente, é difícil imaginar uma sociedade desprovida de televisões, computadores ou redes de celulares. E que, além disso, os avanços tecnológicos são progressivos e parecem seguir uma via de mão única, de um modo não anteriormente registrado na evolução das tecnologias. Sibilia (2012) destaca a preocupação gerada em torno dos usos culturais das novas tecnologias., apontando que essas não são coadjuvantes em

relação às questões culturais, mas centrais. Isso porque, especialmente a Cultura Digital envolve a existência de interatividade, interconexão, e interrelação entre homens, informações e máquinas. Como Sibilia (2012) indica, a comunicação procedida pelas tecnologias digitais tornou possível a emergência da expressão Cultura Digital, que ressalta a existência de uma “atmosfera” que nos envolve, e que se tem integrado a nossa vida cotidiana, invadido as nossas casas e interferido nas relações que estabelecemos com o mundo, tanto material quanto simbólico que nos rodeia, e na qual participamos como produtores, consumidores e disseminadores.

Assim, para a autora, a Cultura Digital poderia ser pensada como a própria representação de uma fase contemporânea das tecnologias de comunicação, que segue a cultura impressa do século XIX e a cultura eletrônica do final do século XX.

2 Cultura, Inclusão Digital e Educação

Sibilia (2012) tem se valido da noção de Cultura Digital como um conceito emergente na pós-modernidade, que nasce da perspectiva do impacto das novas tecnologias e da conexão em rede na sociedade. Essa cultura promove uma recombinação da ciência com as artes, utilizando-se da metalinguagem digital e da capacidade de remontar arquivos para exprimir a produção simbólica de um determinado grupo social, mas que atinge a todos que estão conectados à rede.

Além disso, Sibilia (2012) destaca que "a cultura é material", ou seja, a cultura não é simplesmente a maneira como vivemos nossas vidas. Deste modo, as Novas Tecnologias de Comunicação e Informação não só nos incitam a enxergar e a experimentar o mundo de determinada maneira, mas produzem e são os próprios produtos da sociedade em que vivemos.

É preciso considerar-se, inicialmente, a ampliação ocorrida em relação à noção de inclusão digital, que supera um entendimento restrito no que tange à disponibilidade de acesso, à capacitação para o adequado uso dos recursos e à instrumentalização dos indivíduos com conhecimentos técnicos sobre o funcionamento da internet.

Um dos campos em que se tem discutido questões ligadas a essas modificações processadas no mundo a partir do uso das tecnologias e, especialmente, das tecnologias digitais, é o campo dos Estudos Culturais da Ciência. Neste campo têm sido procedidas discussões que focalizam as novas perspectivas críticas ligadas à Educação e, de modo muito especial, à Educação em Ciência, seja a educação voltada para os benefícios da Ciência, seja aquela voltada para a formação do conhecimento científico e tecnológico.

É possível dizer que os Estudos Culturais da Ciência oferecem descobertas extremamente significativas estando, entre essas, a de instigar professores a colocarem em discussão as possibilidades, bem como as mediações culturais, econômicas e éticas que ocorrem nas relações entre a Ciência e a Sociedade.

Para Sibilia (2012), recorrer ao digital é buscar, metonimicamente, a todo um conjunto de manifestações que incluem artefatos como *tablets* e *smartphones*, simulacros virtuais, comunicações instantâneas, de forma a proceder a conectividade. É, também, valer-se de uma vasta gama de formas midiáticas, possibilitadas pela tecnologia digital, que abrangem a realidade virtual, o cinema digital, a televisão digital, a música eletrônica, os jogos de computador, a internet, a *World Wide Web*, e assim por diante.

Também se compreende que o mundo dos negócios é dominado por empresas de tecnologia como, por exemplo, pela Microsoft, a Apple ou a Sony. Então, é a partir do que estou referindo, que se torna possível considerar a existência de uma Cultura Digital, em que o termo digital está representando uma forma particular de vida de um grupo ou de grupos de sujeitos em um determinado período da história.

Aliás, o debate sobre a Cultura Digital se apoia, segundo Sibilia (2012), em duas crenças interligadas. “uma delas é a de que tal cultura representa uma decisiva ruptura com aquilo que a precedeu (no caso aqui a cultura analógica), e a outra é a de que a Cultura Digital deriva e é determinada pela existência da tecnologia digital”.

Sibilia (2012, p. 13) atenta para a questão de a escola estar em crise, em função de sua crescente especificidade e da dificuldade de imaginar alternativas para o futuro. Ao observá-la sob um prisma histórico, essa instituição passa a ser uma ferramenta destinada a produzir elementos pensadores.

Indicando que as particularidades individuais de cada estudante e das diversas instituições escolares, além das diferenças nos contextos socioeconômicos e geopolíticos, não é o único ponto a ser discutido, Sibilia (2012, p.14) acrescenta que não há como negar tal incompatibilidade. Existe uma clara divergência de época, um desajuste coletivo entre as escolas e seus alunos no contexto atual, fato que se vê refletivo na experiência de milhões de crianças e jovens de todo o mundo.

Como Sibilia (ibid) também aponta, se está moldando a subjetividade das crianças com um novo tipo de maquinário, diferente das ferramentas escolares tradicionais. E essa maquinaria engloba os aparelhos móveis de comunicação e de informação, tais como os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, aponta a mesma autora (Sibilia, 2012).

Tendo-se ciência desse choque, originaram-se diversas tentativas de unir o escolar e o midiático, embora ainda com resultados incertos, mas buscando responder à urgência do conflito e procurando resolvê-lo de forma inovadora.

A mesma autora (ibid) enfatiza que existem explicações históricas e até antropológicas para essa discrepância crescente entre colégios e jovens de hoje, juntamente com os dilemas que a acompanham. Essas justificativas envolvem fatores econômicos e políticos, além de importantes mudanças sociais, culturais e morais ocorridas nas últimas décadas, com forte aceleração nos últimos anos.

Ainda para Sibilía (2012, p. 15), de um lado há a escola, com todo o classicismo que possui, e de outro a presença de modos tipicamente contemporâneos. Tornou-se insustentável evitar tamanha desarticulação que parece ter perdido boa parte de sua eficácia e de seu sentido ao se deparar com a nova situação. Verifica-se, então estar ocorrendo uma transição entre certos modos de ser e de estar no mundo, os quais eram mais compatíveis com a escola tradicional. As novas consciências subjetivas que se manifestam atualmente demonstram desconformidade com tais ferramentas, ao passo que se encaixam com outros meios, como também aponta Sibilía (ibid).

Cabe lembrar que entre as exigências históricas a que a escola procurou responder estavam os compromissos com a sociedade moderna – essa supostamente igualitária, fraterna e democrática. Assim, a escola assumiu a responsabilidade de educar todos os cidadãos, servindo-se dos potentes recursos de cada Estado nacional, alfabetizando cada habitante e ensinando-o a se comunicar com as próprias tradições por intermédio da leitura e da escrita.

Da mesma forma, era preciso instruir os indivíduos a lidarem com os números. Portanto, o ensino abrangia uma gama de aprendizagens úteis e práticas, que foram substituindo os mitos aos quais não se atribuía respaldo científico. Por fim, era necessário treinar os homens para a adaptação aos costumes ditados pela moral, ou seja, por um conjunto de valores e normas imposto pelo imenso projeto político, econômico e sociocultural.

3 Aprendizagem Digital e Recursos Educacionais Abertos

A aprendizagem digital e os recursos educacionais abertos servem para analisar o impacto das novas tecnologias na capacidade humana de produção, distribuição e acesso ao conhecimento; esses permitem o acesso ao conhecimento na área científica e educacional, além de expandirem as capacidades do cidadão, além de impactarem o cidadão em sua experiência de cidadania.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão sendo incorporadas aos espaços e práticas escolares, num movimento que vincula a escola à cultura digital. Esta relativiza os conceitos de tempo e espaço, delineando novas maneiras de interação/comunicação entre as pessoas, suscitando, também, a oportunização de novos ambientes de aprendizagem e de novas formas de produção do conhecimento, que estariam provocando mudanças de comportamento, não só no interior da escola, mas em toda a comunidade.

Ou seja, as novas tecnologias, dentre elas o computador, especialmente através da internet, se constitui em uma fonte alternativa de informações. É dessa forma, conforme nos assegura Sibilia (2012), que a sociedade da comunicação generalizada está introduzindo modificações profundas no conjunto de valores da humanidade, estabelecendo uma nova ordem social, bem como concepções identitárias.

Com o reconhecimento da relevância que as tecnologias digitais apresentam na sociedade contemporânea, compreende-se que um conjunto de elementos atrelados ao digital, incluindo os sites pessoais ou institucionais, as redes sociais, os artefatos digitais, entre muitos outros, estão implicados nos tipos de relações que os sujeitos mantêm. Nesse sentido, certamente o mundo da educação não passaria imune diante de tais reconfigurações.

Frente ao que foi colocado até aqui, cabe assumir que, inegavelmente, a escola está em crise. E que um dos tantos motivos que nos permitem compreender esse fato decorre de se pensar na instituição escolar como uma tecnologia, como já citado anteriormente. Nesse aspecto, a escola deve ser vista como uma tecnologia de época, ou seja, como um aparelho historicamente configurado, deixando de ser uma máquina antiquada com seus componentes e seu funcionamento conflituados. Em tal união, que insiste em ocorrer cotidianamente, as peças não se encaixam satisfatoriamente, pois os organismos que a constituem não se ajustam mais e, por conseguinte, tendem a não funcionar corretamente quando colocados em contato.

Quero ressaltar que os argumentos sobre a presença das tecnologias digitais nos espaços escolares se baseiam, de maneira geral, em oposições deterministas, em que as tecnologias são vistas como autônomas em relação a outras forças que atuam na sociedade independentemente de quaisquer contextos.

E é também sob essa perspectiva, que a escola se configura como uma tecnologia de época, inventada há algum tempo atrás e em uma cultura definida com o propósito de responder a um conjunto de demandas específicas do projeto histórico que a desenhou e que se ocupou em desenvolvê-la.

Vale ressaltar, ainda, que muitas das experiências que os jovens mantêm com as tecnologias se dão para além dos muros escolares. Então, a ideia de que a tecnologia por si transformaria a educação escolar pode ser vista como uma ilusão. Provavelmente a educação escolarizada continua servindo a muitas funções – econômicas, sociais, políticas –, que não se limitam ao seu papel exclusivamente de ensino. Mesmo assim, é importante ressaltar que os sujeitos jovens que hoje adentram nos espaços escolares vêm sendo produzidos, desde o berço, com o auxílio da informática. O uso da internet possibilita uma comunicação de “muitos-a-muitos” e, além disso, diferentes relações de produção e consumo dos produtos culturais, tal como abordei anteriormente, ressignificam os estilos culturais. Além disso, tem-se apontado para como esse meio oportuniza às pessoas representarem a si próprias, rompendo com a hegemonia cultural e apresentando suas identidades. Ou seja, têm-se afirmado que através de seu uso, aqueles que são vítimas do estereótipo e da marginalização têm a possibilidade, de reescrever suas identidades através da sua própria produção cultural. Mas, ao mesmo tempo, como assinala Sibilia (2008, p.195), nesse processo, diversas bioidentidades se instauram como um desdobramento de um tipo de subjetividade muito mais baseada nos traços biológicos ou no aspecto físico de cada indivíduo, ao invés de se dar em torno do interior desse ser.

Mas voltando a focalizar o papel de instituições tradicionais como a escola, nos dias de hoje, cabe lembrar Deleuze (1990, p. 220) que, ao estudar a crise das sociedades disciplinares e a rápida implantação de um novo modo de vida, deduziu que "essas instituições estão condenadas". Ou seja, esse autor entendia que o seu ciclo vital está concluído por terem essas instituições perdido seu sentido histórico. Como ele (ibid) ressaltou "Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam", explica o autor (Deleuze, 1990, p. 220).

Caso se concorde com o pensamento de Deleuze (ibid), é possível indicar alguns motivos que nos levam a entender porque a escola sofre tão intensamente: a instituição escolar se manteve – por menos tempo do que parece - apoiada em um conjunto de valores que se consideravam indispensáveis para mantê-la, assim como esses valores morais deviam conservar certa solidez para permitir seu bom funcionamento.

Sibilia (2008, p. 196) explica que o respeito pela hierarquia e o reconhecimento das autoridades educacionais era uma característica das quais não se podiam prescindir. Também, havia uma valorização positiva do esforço e da dedicação concentradas com metas em longo prazo, bem como da obediência e do compromisso individual no cumprimento de rotinas.

Não obstante, a sociedade global mudou desde o tempo em que essa instituição foi colocada em funcionamento, em função de sua utilidade para perpetuar as metas políticas, econômicas e socioculturais que, como supunham, levariam à evolução da humanidade.

Na era atual, com o mundo globalizado e multicultural do século XXI, os valores são distintos, seja dentro ou fora da escola. Assim, é notório que tal entidade venha a desabar – como sugere o filme *Entre os Muros da Escola*, de 2008, cujo tema, fala respectivamente sobre o “choque de civilizações”. Sob esse aspecto, Sibilia (2008, p. 197) retoma a problemática de como manter a estrutura escolar ativa e em funcionamento considerando que isso requer uma profunda transformação das linguagens em todos os âmbitos, inclusive em campos tão vitais como a sua construção, os relacionamentos com os outros e a formulação do mundo.

Da mesma forma, entre outros desdobramentos que ainda devem ser elaborados, esse movimento implica a gradual implantação da "civilização da imagem" ou da "sociedade do espetáculo", como referiu Guy Debord (1967). A escola, nesse aspecto, une suas próprias raízes com a palavra, principalmente nas operações de leitura e escrita, explica a autora Sibilia (2008).

Parece incongruente que, com o avanço das redes de vigilância eletrônica que se infiltram nos muros das escolas, ainda seja proibido aos alunos entrarem nesses estabelecimentos com suas próprias câmeras e com celulares e *netbooks*.

Sabe-se que todos esses recursos são intensamente utilizados pelos estudantes hoje. Assim, em lugar do confinamento - com grades, cadeados e punições – que caracterizou a sociedade disciplinar - poderia haver uma rede eletrônica aberta e sem fios a qual cada um se conectaria livremente.

É factível entender, pois, que a vigilância, o confinamento e as leis que regiam instituições dos séculos XIX e XX, tais como a escola, a fábrica e a prisão, já não são mais necessárias para formar os indivíduos. Isso não seria mais eficaz e nem compatível com o ritmo do mundo atual.

Nesse aspecto, Foucault (1979, p. 148) apud Sibilia (2008, p. 200) detectou essas transformações em 1968, quando a disciplina e a suposta ética puritana foram colocadas em pauta como as grandes forças que impulsionaram o capitalismo. Foi nesse momento, portanto, que a escola começou a se direcionar para a crise atual. "Percebeu-se que esse poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava", explica Foucault (1979, p. 148), e "que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo." (Sibilia, 2008, p. 200). Desse modo, em contraposição ao instrumental antiquado que

as escolas ainda insistem em realizar, parecem ser mais eficazes as novas formas tecnológicas do universo contemporâneo. Agora a comunicação é livre, não só nas redes sociais, no correio eletrônico e no telefone portátil, mas, também, em outros dispositivos de monitoramento, como os sistemas de localização, os cartões de crédito e os programas de fidelidade empresarial.

Tal situação acontece com satisfação; as crianças e os mais jovens parecem se deleitar especialmente e, por isso, se dedicam a tais atividades em todo momento e lugar. Da mesma forma, fogem das hierarquias escolares e costumam recorrer a essas conexões para sobreviver ao tédio que implica ter de passar boa parte dos dias trancados em salas de aula, mais desesperadamente desconectados do que disciplinadamente confinados, complementa Sibilia (2008, p. 201).

De qualquer forma, a problemática aqui elencada possui características universais. Decorre da situação histórica em que o mundo se encontra hoje, em uma sociedade globalizada do século XXI.

Logo, não se sabe qual o delineamento dessa história. No entanto, existe pelo menos uma certeza: as novas gerações falam uma língua distinta daquela usada por indivíduos que foram educados em uma escola, cujo ambiente de socialização era a cultura das letras como fonte de realização. Assim, é desses jovens que dependerá, em boa medida, o desenvolvimento dos próximos passos desse drama, finaliza Sibilia (2008, p. 202).

4 CONCLUSÃO

As mudanças ocorridas no âmbito educacional são de grande valia para que os velhos mecanismos de uma ortopedia social clássica sejam extintos, uma vez que eles adaptavam às sociedades modernas a seus ritmos de modo a utilizarem-nas conforme sua necessidade.

O mundo virtual tem como principal característica o desprendimento do aqui e agora e, nessa era de informações on-line, manifestações culturais tornam-se transitórias e a cultura desprendida, presente por inteiro em cada uma de suas versões nos ciberespaços.

Contudo, hoje, se questiona se a escola é capaz de resistir à tamanha mutação, e se a atual estrutura - defasada – tem condições de se adaptar a tais mudanças. Tal questionamento é pertinente, pois, no passado, a quebra de paradigmas provocou uma crise do modelo anterior. Com isso, por meio do estímulo disciplinador ocorrido, jovens, adolescentes e crianças puderam utilizar potências corporais. Também, foi tal mudança que possibilitou as rebeliões de 1968. Para Sibilia (2008, p. 201), os jovens que até então eram considerados dóceis, esforçados e obedientes, depois da rebelião, passaram a se mostrar como pessoas

ávidas “[...] ansiosas, flexíveis, performáticas, hedonistas, narcisistas, hiperativas, mutantes, consumidoras e úteis da atualidade”.

No entanto, apesar de alguns estudantes adaptarem-se ao atual modelo educacional e terem nele relativo sucesso, outros tantos consideram o atual modelo defasado, sem sentido e/ou ultrapassado. Além disso, a diversidade cultural, de costumes e de hábitos traz para o ambiente escolar diferenças socioeconômicas, que fazem com que a situação fique ainda mais complicada.

O fato é que o ambiente escolar é permeado de contradições que trazem questionamentos e problemas. Tais problemas possuem características universais, pois são fruto de uma sociedade globalizada, competitiva e que recebe muitas informações a uma velocidade impressionante.

Contudo, ao se pensar em educação, hoje, deve-se considerar que nem toda a informação advinda é absorvida pelas novas gerações, uma vez que a maioria dos estudantes não sabe apropriar-se dessas informações. No passado, os estudantes iam à biblioteca para pesquisar e utilizavam livros que geralmente eram desatualizados. O acesso à informação era estanque, precário e privilégio de poucos. Atualmente, os interesses e o acesso às informações ocorrem de forma rápida, na velocidade de um “clique”, pois há outra linguagem em cena: a digital. Isso faz com que o estudante se depare com uma quantidade muito grande de informações, nem todas verídicas, e faz com que ele fique, muitas vezes, sem saber ao certo o que e como pesquisar. Também, o professor, algumas vezes, não se apropriou dessa nova linguagem; sabe pesquisar, mas não sabe exatamente como; domina o conhecimento, mas não tem habilidade para intermediá-lo utilizando as novas tecnologias.

Dessa forma, a escola precisa rever sua condição para nortear suas práticas para atender, da melhor forma possível, os estudantes e para formá-los com habilidades e competências que lhes permitam serem sujeitos agentes e transformadores da sociedade, e exitosos em sua vida pessoal e profissional.

Apesar dos questionamentos de alguns teóricos sobre o atual papel da escola, e sobre se ela deve conservar sua atual condição, é fato que a escola é indispensável para a formação das pessoas, independentemente de sua área de atuação. No entanto, é preciso rever conceitos e estratégias político-pedagógicas para que o ensino faça sentido para as crianças e adolescentes, e não fazer com que a escola seja um local desagradável e de mal-estar.

É fato que as mudanças são necessárias, mas também não se deve desconsiderar todo o processo educacional construído ao longo dos anos como se ele fosse descartável e inútil. É imperioso que se façam mudanças, mas de forma gradual e significativa. Para isso, a inclusão

do novo e a manutenção do antigo, que tenha significação e aplicação prática são essenciais para a educação, apesar disso não ser a resposta para todos os problemas existentes na educação.

REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana. Povos Indígenas na Rede das Temáticas Escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, Jan/Jun. 2010. pp. 73-83, Jan/Jun 2010.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, Educação e Pedagogia. Artigo maio/junho/julho/agosto, 2003, nº 23.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle. Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **"Poder-corpo"**. In: *Microf (sica do poder)*. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p.145-152.

_____. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HOGGART, R. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referenciais a publicações e divertimentos**. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 1973b. v. 2.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes – A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula. *iEs posible una escuela post-disciplinaria? iY serfa deseable?*. In: PEIRONE, Fernando. *La educación alteracla: Aproximaciones a la escuela del siglo veintiuno*. Cordoba (Argentina): Salida al Mar, 2010. p.163-193.

_____. **O Show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade (1780-1950)**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.